Casos & .Causos

Por Nestor Leme

O segredo dos Refrigerantes Radial

Fotografia - Arquivo de Nestor Leme

Segundo o Almanaque de Serra Negra, em 1913, já existia uma fábrica de bebidas e gasosas funcionando aqui na cidade. Fábrica esta de propriedade de Ludovico Agostini & Cia. Ltda. Alguns anos depois, Belmiro Postali montou outra, mas desta não sobrou nenhum registro. Nesse tempo, também existiam em nosso mercado os refrigerantes Tambelini, de Amparo, dos quais era destaque a gasosa NoNó, e os refrigerantes da marca Vannucci, de Campinas.

Aí, numa tarde de domingo de 1949, ouvimos acordes da Banda Lira vindos da Rua do Sapo. De imediato, corremos na direção daquela música. E lá vimos que estava acontecendo uma festa, num galpão novo ao lado da Fonte Santo Antônio e, como o lugar não tinha porteiros, entramos e nos misturamos com os demais convidados. Soube-se, então, que naquele dia estava sendo inaugurada a Fábrica de Refrigerantes Radial, da firma Rielli, Silveira & Cia. Ltda.

E, já que estávamos lá, aproveitamos para degustar os refrigerantes que seriam lançados, sendo que, no meio das prosas, alguém falou que as fórmulas daqueles refrigerantes foram adquiridas de um químico alemão, residente em Mogi Mirim. Naquele tempo, tomar refrigerantes só acontecia em algumas festas de aniversários, de casamentos ou nas festas de final de ano, mas nós tivemos sorte, porque minha irmã Elóisa foi a primeira funcionária contratada para trabalhar no engarrafamento das bebidas e, aos sábados, o patrão Luiz Rielli permitia que seus funcionários levassem algumas garrafas de refrigerantes para suas casas.

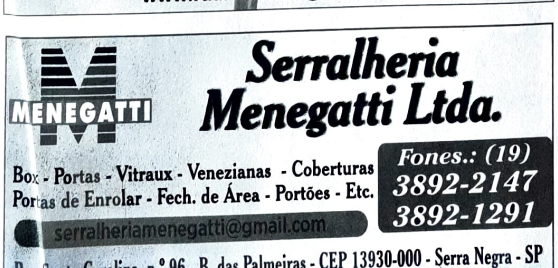
Onze anos depois desses acontecimentos, meu pai me informou que tinha me arrumado um emprego na fábrica de guaranás. Assim, no dia 28 de novembro do ano de 1960, entrei novamente naquela fábrica. Comecei como lavador de garrafas, mas cinco anos depois fui promovido para trabalhar no laboratório, onde eram manipuladas as fórmulas e o xarope dos refrigerantes. O cozimento do xarope de açúcar era comigo, porém a manipulação das fórmulas, por serem secretas, era feita pelos patrões Carlos Rielli e Ettore Saragiotto. Sendo que o Ettore, quando era sua vez, trazia tudo anotado num papel e, terminada a manipulação, amassava aquele papel e o jogava num ralo que existia embaixo da pia. Certa vez, o papel não rodou; eu o peguei e decorei as fórmulas.

Um dia, os dois se desentenderam e não apareceram para fazer a manipulação. Como eu tinha as fórmulas na cabeça, não pensei duas vezes e comecei eu mesmo a fazer as misturas. Aí, como a produção não parou, o Ettore, desconfiado, me perguntou quem estava fazendo a manipulação. Respondi que, na falta de alguém para fazer e como a fábrica não podia parar, eu mesmo manipulei as fórmulas. O Sr. Ettore faleceu muitos anos depois, sem saber como eu tinha descoberto o segredo deles, mas, como o fato estava consumado, manipulei as fórmulas até que a fábrica encerrou suas atividades em 1977.

Sempre me perguntaram qual o segredo do sabor diferente daqueles refrigerantes, mas eu me negava em revelar. Porém, agora, depois de tanto tempo, acho que é hora de fazer a revelação: as fórmulas dos refrigerantes são montadas com várias essências do sabor a ser fabricado, porém, a cada fórmula era colocado um aroma contrastante para dar realce ao sabor. Na soda limonada, adicionávamos essência de framboesa; no guaraná, era colocada essência de abacaxi; e, na maçã, colocávamos essência de laranja. Simples assim.

Em 1991, quando trabalhava na Mineradora N. S. Aparecida, da família Giraldi, aproveitando que eu ainda tinha as fórmulas gravadas na memória, relançamos os famosos Refrigerantes Radial e, como era esperado, caíram no gosto do povo. Porém, esta parte da história só será contada noutra edição do nosso jornal.

104.5 fm
SERRA NEGRA
Músicas
Notícias
Entretenimento
Sorteios
E muito mais!
Programação 104,5 mHz
8h - 12h - Bom dia, 104! (Ibraim Gustavo)
12h - 13h - Rádio Notícias (Angelito Neto)
13h - 16h - Super Tarde (Pedro Giovani)
16h - 19h - Ranchinho da Saudade (Pedro Giovani)
19h - 20h - A Voz do Brasil
20h - 0h - Noite na Serra
www.radioserranegra.com.br


MENEGATTI
Serralheria
Menegatti Ltda.
Box - Portas - Vitraux - Venezianas - Coberturas
Portas de Enrolar - Fech. de Área - Portões - Etc.
Fones.: (19)
3892-2147
3892-1291
serralheriamenegatti@gmail.com
Rua Carolina, nº 96 - R. das Palmeiras - CEP 13930-000 - Serra Negra - SP

Crônicas do .Dia a Dia

Por Guida Gerosa

O tribunal da nossa mente

Todos nós carregamos dentro da cabeça um tribunal invisível. É esse Tribunal que controla nossas vidas ou não. Nele, ideias são julgadas, impulsos são sentenciados e decisões são absolvidas ou condenadas. Esse tribunal é nosso auto julgamento, formado por valores, consciência, limites, princípios e regras internas que nos norteiam. Se funciona bem, nos protege; mas quando falha, nos coloca em grandes desastres.

Já fui rebelde, naquela época em que ser hippie era a moda. Eu queria viver sem regras e com liberdade. Liberdade ainda é, para mim, uma condição importante, mas viver sem regras, não. Regra não é uma prisão, mas sim amparos para nos ajudar na vida. São as regras que nos impedem de machucar alguém na hora da raiva ou cometer outras besteiras irracionais. Só aqueles que não são senhores de si mesmos é que vivem à mercê dos próprios impulsos, falando o que não deve, fazendo besteiras e, depois, se perguntam por que as coisas não dão certo.

Tem gente que diz que é sincera e fala o que quer para os outros, sem avaliar se vai machucar alguém, acabando, assim, com muitas amizades. Outros não conseguem controlar seu temperamento e "explodem" nos seus trabalhos, acabando com ele. Famílias são rachadas por atitudes tomadas no calor de um minuto e, depois, lamentadas por uma vida inteira. Uma mente sem regras pode ser comparada à um tribunal corrupto, onde o impulso sempre ganha.

Quantos erros são cometidos por quem não tem regras? Até doenças como o alcoolismo e os outros vícios podem começar com a falta de regras e autocontrole. Gastar demais, trair, abandonar, destruir o próprio nome, ser cancelado. Vocês já ouviram falar de autossabotagem? Tem muita gente que mesmo errando, continua insistindo no erro, mas, na verdade, o que falta é o uso de um código interno que os norteia, dizendo: "pare, pense, escolha melhor".

Quando a cabeça não funciona, o corpo padece. Nada dá certo: começa um trabalho e logo acaba; as relações são ruins; tomadas de decisões erradas, e a vida vira um campo minado por impulsos inconscientes.

Dizem que ter regras internas é um ato de amor-próprio. É ali que vamos entender que nem tudo o que sentimos deve ser feito, nem tudo o que pensamos deve ser dito, nem tudo o que queremos deve ser vivido. Temos de acionar os juízes desse tribunal chamado cérebro para nortear nossas ações. Uma mente sem lei é uma forte candidata à ré nesse tribunal.

Cultura .e Vida

Por Henrique Vieira Filho

Quando a imagem pede licença à palavra

***Imaginação Ativa na ReArte** – Ilustração: Henrique Vieira Filho*

Sempre acreditei que a arte é "fominha": ela raramente se contenta com um prato só. O melhor dos mundos acontece quando a literatura resolve se casar com a pintura ou a fotografia. É uma união tão potente que, às vezes, a gente não sabe se está lendo uma imagem ou vendo um texto.

Um exemplo doloroso (e atual) dessa simbiose são as obras surrupiadas da Biblioteca Mário de Andrade. Tomem o caso de "Menino do Engenho": de um lado, a escrita magistral de José Lins do Rego; de outro, as ilustrações primorosas de Cândido Portinari. É um maravilhamento por dois caminhos que chegam ao mesmo coração. Há momentos, porém, em que a imagem é tão eloquente que resolve "pedir licença" à palavra e seguir sozinha, como nos livros de Matisse ou nas fotografias de Sebastião Salgado. Ali, o silêncio do papel diz tudo.

Mas, a arte não serve apenas para enfeitar estantes ou atrair ladrões de elite. Ela é uma ferramenta de escavação da alma. E quem sabia disso muito bem era Carl Jung.

Considerado um dos maiores pensadores do século XX, o fundador da psicologia analítica tinha um "segredo de Estado". Ele pintava, esculpia e caligrafava como meio de acessar o inconsciente! Jung temia que, se seus pares cientistas soubessem que suas teorias nasceram de pincéis e cinzéis, não o levariam a sério. Essa história da origem da técnica, que atualmente chamamos de "imaginação ativa", ficou guardado a sete chaves. Só muitos anos após sua morte é que seus herdeiros revelaram o "Livro Vermelho" (acalmem-se os exaltados: o nome é pela cor da capa, sem qualquer relação com o espectro político!).

Seguindo os passos desse meu herói, eu também tenho o meu "filho" de papel: o livro "Diversidade". Nele, reuni artes fotográficas e pinturas que fiz para retratar a miscigenação cultural do nosso povo. E confesso uma coisa: em minhas "mil profissões", exerci a psicoterapia por mais de 35 anos e, muito antes de mergulhar fundo na teorização de Jung, eu já usava a arte e a fotografia com meus clientes. A imagem, muitas vezes, é o único GPS capaz de localizar um sentimento perdido no labirinto do inconsciente.

Toda essa mistura – de arte, terapia e as reproduções das obras de Matisse e Portinari (sim, usaremos as ausências delas como um protesto contra a fragilidade do nosso patrimônio) – estará em exposição aqui na ReArte entre os dias 16 e 30 de janeiro. O evento "Do Livro ao Museu em Serra Negra" é um convite para você descobrir que, na arte, a soma de várias técnicas resulta em algo muito maior que o total das partes. É uma chance de ver de perto o diálogo entre a luz de Salgado, o mistério de Jung e as cores da nossa gente. Agendem sua visita pelo WhatsApp (11 98294-6468). Afinal, as imagens estão loucas para conversar com vocês, e eu garanto que elas têm histórias que as palavras ainda não aprenderam a contar!